



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**Ministério da Educação**  
**Instituto Federal de Alagoas – IFAL**  
**Pró-Reitoria de Ensino**  
**Diretoria de Educação a Distância**

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL-UAB**

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS-IFAL**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA-DEPEAD**

**CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA**

**JOSÉ BARTOLOMEU MIRANDA DA SILVA**

**MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA DE TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Cajueiro – AL  
Novembro/ 2021

JOSÉ BARTOLOMEU MIRANDA DA SILVA

**MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA DE TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Instituto Federal de Alagoas-  
IFAL, como requisito parcial para obtenção do  
título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Josefa Maria Paixão  
Soares

Cajueiro – AL  
Novembro/ 2021



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
**Pró-Reitoria de Ensino**

---

S586m

Silva, José Bartolomeu Miranda da.

Marcas da oralidade na escrita de textos de alunos do 9º ano do ensino fundamental / José Bartolomeu Miranda da Silva. – 2022.

(1 arquivo : 3,96 megabytes).

Arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 45 folhas.

Inclui bibliografia.

Orientação: Profª. Drª. Josefa Maria Paixão Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto Federal de Alagoas, Universidade Aberta do Brasil, Polo Cajueiro, 2022.

1. Oralidade. 2. Escrita. 3. Fonética. 4. Fonologia. I. Título.

---

CDD: 469.07

**Luiza Glaciete Freire Gonçalves**  
**Bibliotecária – Documentalista**  
**CRB-5/1833**

## MARCAS DA ORALIDADE NA ESCRITA DE TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Alagoas-IFAL, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Josefa Maria Paixão Soares

Aprovado em: 14/01/2022

Conceito obtido: 9.5

Banca examinadora

Profa. Dra. Josefa Maria Paixão Soares  
Orientador/Presidente da Banca



---

  
Profa. Me. Ana Deuza de Amorim Gonzaga  
Avaliadora

---

  
Profa. Esp. Luziana Mercia Ferreira Medeiros  
Avaliadora

---

## Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado forças para a conclusão do curso; a meus familiares por terem me dado apoio incondicional; ao amigo e professor João Henrique Cardoso, pelas indicações de leitura; à professora Josefa Paixão, pelas orientações técnicas para elaboração do trabalho. Agradeço, em especial, ao IFAL e a todos os professores do curso, pela qualidade e excelência do ensino.

## **Resumo**

Neste trabalho, cujo tema é “As marcas da oralidade na escrita em textos de alunos do nono ano do ensino fundamental”, buscou-se entender se a influência da oralidade pode ser considerada intrínseca ao processo de aprendizagem da escrita. Para isso, foi preciso identificar, através da relação oralidade/escrita, a regularidade e a prevalência das marcas da fala nos textos produzidos pelos alunos, compreender como os fenômenos fonético-fonológico-ortográficos manifestam-se nas produções escritas e analisar uma unidade do livro didático sob o prisma do trabalho com a oralidade. Os textos estudados foram escritos espontaneamente, com subsídios concretos para se trabalhar a variação da língua em uso. Com esse método, concluiu-se que a presença da oralidade na escrita desses textos é marcante.

Palavra-chave: Oralidade. Escrita. Fonética. Fonologia. Texto espontâneo.

## Summary

In this work, whose theme is “The marks of orality in writing in texts of students from the ninth grade of elementary school”, we sought to understand if the influence of orality can be considered intrinsic to the process of learning to write. For this, it was necessary to identify, through the orality/writing relationship, the regularity and prevalence of speech marks in the texts produced by the students, to understand how phonetic-phonological-orthographic phenomena are manifested in written productions and to analyze a unit of the textbook under the prism of work with orality. The texts studied were written spontaneously, with concrete subsidies to work with the variation of the language in use. With this method, it was concluded that the presence of orality in the writing of these texts is remarkable.

Keyword: Orality. Writing. Phonetics. Phonology. Spontaneous text.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. A escola da pesquisa.....	9
3. Oralidade e escrita.....	11
4. Fonética e Fonologia.....	15
4.1 Relevância de algumas questões fonológico-ortográficas.....	15
5. Análise da unidade do livro didático do 9º ano.....	17
6. Textos para estudos das marcas da oralidade na escrita.....	20
6.1 Texto I.....	21
6.2 Texto II.....	22
6.3 Texto III.....	23
6.4 Texto IV.....	24
7. Considerações finais.....	26
8. Referências.....	29
9. Anexos.....	31

## 1 Introdução

Com o tema “As marcas da oralidade presentes na escrita de textos produzidos por alunos do nono ano do ensino fundamental”, pretendemos analisar, fundamentados na relação não dicotômica entre oralidade e escrita, textos espontâneos de alunos sem fazer avaliações de erros que por ventura aparecessem nessas produções, mas investigar as possíveis causas desses ‘desvios’.

No decorrer da história, a oralidade e a escrita tiveram mudanças significativas. Fatores sociais, regionais e culturais produziram semelhanças e diferenças nas manifestações linguísticas das pessoas. É evidente a influência de uma prática sobre a outra. Porém, não são concorrentes. A oralidade, considerada uma prática social entre interlocutores, possui suas peculiaridades assim como a escrita. No entanto, essas práticas comunicativas não podem ser consideradas polares. Apesar dessas considerações, a escrita ainda é mais valorizada que a oralidade.

As linguagens oral e escrita são bastante importantes para nosso entendimento de mundo. Elas nos possibilitam interagir com os outros; dão-nos subsídios para organizarmos ideias; servem-nos de base para construirmos conhecimentos e inserem-nos como participantes na sociedade. Essas modalidades da língua caracterizam-se, então, como essenciais para a comunicação.

Como a problemática da pesquisa é definir se a influência da oralidade pode ser considerada intrínseca ao processo de aprendizagem da escrita, delineamos, como objetivo geral, caracterizar quais são as características da oralidade que prevalecem nos textos produzidos pelos alunos e, como objetivos específicos, identificar, através da relação oralidade/escrita, a regularidade e a prevalência das marcas da fala nos textos produzidos pelos alunos, compreender como os fenômenos fonético-fonológico-ortográficos se manifestam nas produções escritas e analisar uma unidade do livro didático sob o prisma do trabalho com a oralidade.

Para se atingir os objetivos de uma pesquisa, é necessário nortear uma linha de investigação. Nesse sentido, caracterizamos, em primeiro plano, a escola onde a pesquisa foi realizada; na relação oralidade/escrita, defendemos a ideia de que a língua é viva e que a referida relação evidencie seu uso real. Deve-se, portanto,

valorizar-se tanto a fala quanto a escrita, uma vez que fazem parte do nosso cotidiano. Levamos em consideração a Fonética e a Fonologia, pois são ciências fundamentais para se entender o funcionamento da língua. Fizemos, também, a análise de uma unidade do livro didático de Língua Portuguesa adotado pela escola na já referida série. Sabemos que essa peça didática, apesar de ser muito criticada, é importante no processo de ensino-aprendizagem. Observamos como se dá a abordagem da oralidade no livro, já que ela é fundamental para o desenvolvimento de competências cognitivas dos alunos. Analisamos, ainda, os aspectos fonético-fonológicos presentes nos textos espontâneos.

Esse estudo teve uma abordagem qualitativa e todo o processo de coleta dos dados foi combinado com a gestão da escola e com o professor da turma. Fizemos o possível para que os alunos não percebessem que seus textos seriam estudados para fins de pesquisa. Seguindo o que ensina Cagliari (1997, p.146), é preciso que os alunos escrevam o que quiserem, em produções bastante espontâneas. Os textos livres são mais fiéis às facilidades e dificuldades da aprendizagem da escrita dos alunos.

As produções textuais de todos os alunos da turma foram de grande valia para a pesquisa e tivemos muitos elementos para análise. Porém, com a devida combinação com o professor, não houve nenhuma imposição para que os alunos escrevessem seus textos. Assim que o professor nos entregou as produções dos alunos, iniciamos o processo de investigação. Vale ressaltar que não identificamos os autores dessas produções. Respeitando o dialeto dos alunos, não fizemos nenhuma crítica a prováveis 'desvios linguísticos' presentes nos textos. Focamos nas marcas da oralidade na escrita.

O trabalho do professor em sala de aula sobre oralidade deve ser tão intenso quanto o dedicado à escrita, pois essa prática social interativa é essencial para o desenvolvimento linguístico dos alunos. É necessário, então, que haja um equilíbrio entre práticas orais e escritas trabalhadas na sala de aula. A escola precisa romper com a falsa crença tradicional de que a escrita é mais relevante que a oralidade. Nesse sentido, esse estudo se faz necessário porque, certamente, investigamos um fenômeno social de grande relevância para a educação.

## **2 A escola da pesquisa**

Em 22 de maio 1981 esta instituição era chamada Escola Cenecista de 1º e 2º graus Nossa Senhora do Livramento (considerada uma escola mista) pertencente à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), onde tínhamos como administrador o então prefeito José Ailton Casado Costa. O governador do Estado era o Dr. Guilherme Gracindo Soares Palmeira.

Desde o ano de 1997, passamos a ocupar o espaço físico da escola Cenecista de 1º e 2º graus Nossa Senhora do Livramento, sendo considerado para os meios legais uma extensão da Escola Municipal de 1º e 2º graus Antônio Palmery Soriano. Como rede SEMEC, não pôde manter os cursos que oferecia à comunidade local.

A Prefeitura Municipal de Cajueiro, com o então prefeito Fernando Ribeiro Toledo, adquirindo recursos provenientes do Fundo de Valorização do Magistério (Fundef,) aumentou a ocupação funcionando em dois turnos: matutino e vespertino. Continuando com a crise, a CENEC abriu falência, concluindo sua última turma do curso de Magistério no ano de 2001, já nas dependências da Escola Municipal de 1º grau Altina Ribeiro.

Daí em diante, iniciaram-se as negociações para a compra do prédio, uma vez que a partir daquele ano, a escola passou a ocupar três horários, oferecendo o curso de Ensino Fundamental. Foram feitas várias análises da estrutura física e a viabilidade da compra do prédio. Em fevereiro do ano de 2002, foi efetuada a compra com recursos do FUNDEF, ficando as prestações no total de 20 (vinte mil reais), com o valor estabelecido de R\$ 11.800,00 (onze mil e oitocentos reais), dando total de 236.000,00 (duzentos e trinta e seis mil reais). Desde o ano de 2001 até a presente data, passamos a ocupar três turnos: matutino, vespertino e noturno.

Sendo orientado pela direção da escola, o prefeito Fernando Ribeiro Toledo e a Câmara Municipal de Vereadores, criaram, em forma da Lei nº 532 de 10 de maio de 2002, mais uma instituição escolar, com o nome de: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO.

A escola recebeu este nome em homenagem a excelsa Padroeira. O decreto da mesma é de nº 541, da qual tem seu registro no senso escolar o nº 27225658, funcionando nos três turnos.

A escola dispõe de um quadro de ótimos profissionais, com maioria de pós-graduados e mestres em educação, destacando-se em cada competência, com responsabilidade, vontade de buscar o novo e a participação coletiva nas atividades. A escola funciona em perfeita harmonia entre equipe diretiva e demais profissionais, bem como com os pais, alunos e comunidade, buscando sempre interagir para que tenhamos uma educação de qualidade, cada vez mais dinâmica e assim evoluir para globalização e as novas tecnologias.

No ano de 2017, tínhamos matriculados 1.317 alunos, em 2018, 1.165, hoje temos 1.094 alunos. Salientamos que a queda no número de matrícula foi devido ao fechamento da indústria açucareira, ao desemprego, com migração das famílias para outras cidades.

O ensino de Língua Portuguesa na Escola Nossa Senhora do Livramento busca interagir com a teoria verificada na literatura com a prática visualizada no cotidiano, fazendo com que o aluno seja capaz de aferir o conhecimento adquirido no ambiente escolar com situações reais do dia a dia, tendo como alicerce a carta Magna da Educação – LDB, em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Ressalta-se que a construção da cidadania, constitui princípio integrado dos eixos curriculares e conseqüentemente de toda a ação educativa escolar. A escola tem como objetivo formar alunos críticos, participativos, pesquisadores e conscientes, tendo em vista as transformações que ocorrem continuamente na sociedade, tornando-se imprescindível a preparação dos alunos para atingir os critérios supracitados.

Nesse sentido, há um trabalho sistemático nas aulas, priorizando a leitura e a escrita, com base nos diversos gêneros textuais do livro didático. Os professores também utilizam recursos textuais de outras fontes. Três aulas semanais são dedicadas a essas práticas. Há um espaço dedicado à oralidade no final de cada unidade do livro. Nas outras aulas, há o estudo de aspectos gramaticais relacionados a textos distribuídos nas unidades do livro.

### 3 Oralidade e escrita

De acordo com Marcuschi (2010, p.25), a oralidade, como uso social para o processo comunicativo, apresenta-se sob o prisma de diversos gêneros textuais fundados na realidade sonora. Isso pode transcorrer, em contextos concretos de uso, do informal ao mais formal. O estudo da oralidade, com suas especificidades, será relacionado à modalidade escrita, sem perspectivas dicotômicas, porque a relação oralidade/escrita apresenta mais semelhanças que diferenças. Marcuschi (2010), através de investigações sérias, apresenta-nos importantes achados:

As semelhanças são maiores do que as diferenças tanto nos aspectos estritamente linguísticos quanto nos aspectos sociocomunicativos. Elas não são estanques, mas contínuas ou pelo menos graduais. Muitas das características atribuídas a uma das modalidades são propriedades da língua e não há qualquer diferença linguística notável que perpassa o contínuo de toda a produção falada ou de toda produção escrita, caracterizando uma das duas modalidades. (MARCUSCHI, 2010 p. 45)

Nesse trabalho, então, acompanhamos o pensamento de Marcuschi (2010, p. 35), onde fala e escrita se equivalem: a fala não se molda em propriedades negativas, nem a escrita possui privilégios intrínsecos. “São modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas”. Essas duas faces da linguagem representam práticas sociais e como tais devem ser consideradas.

Nesse sentido, é preciso um certo cuidado, no processo de ensino-aprendizagem, quando o professor for lidar com essas práticas no dia a dia da sala de aula, para não incorrer em preconceito. Até mesmo nos PCN, documento oficial elaborado por técnicos especializados, existem inadequações ao tratar da relação fala/escrita. Acertadamente, esse documento destaca que fala e escrita não são polares, relacionam-se no contexto dos gêneros textuais (p.56) e que têm importância igual para o processo da aprendizagem. Porém, parece que há um certo preconceito na assertiva (p.50) “

Valorização da linguagem escrita enquanto instrumento que possibilita objetivar o pensamento, permitindo um distanciamento do sujeito em

relação à ideia e a conhecimentos expressos, o que possibilita formas de reflexão mais aprofundadas.

A ênfase à valorização da escrita é evidente. De acordo com essa ideia, não se constroem reflexões aprofundadas através da fala. O que está exposto nessa recomendação é exclusividade da escrita? Não. Essa visão preconceituosa já foi superada. Nesse sentido, esse excerto deveria ser reformulado ou excluído.

Nos diversos contextos de usos da fala e da escrita, há um expediente que merece atenção especial: a variação linguística. Vale ressaltar que a fala varia e a escrita também, pois esta não é homogênea. Só que nos PCN (p.64), há uma imprecisão quanto a essa questão, pois deixa margem à interpretação de que apenas a fala varia:

É importante que se eduque para o respeito e para a convivência com a diversidade dos múltiplos falares da língua. O estudo e o conhecimento da variação linguística podem cumprir um importante papel para a formação dessa consciência.

No ensino de Língua Portuguesa, não faz mais sentido deixar de considerar o estudo da variação linguística em sala de aula. Assim, é importante frisar que tanto “há múltiplos falares como múltiplas escritas” (MARCUSCHI, 2010).

Percebe-se, portanto, que a escrita é bastante privilegiada. Porém, é preciso destacar que

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela sempre será a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos (MARCUSCHI, 2010. p. 36).

A escrita é uma importante face da língua em uso que nos possibilita o acesso a inúmeros conhecimentos, cujo objetivo fundamental é a leitura. É considerada pelos estudiosos como a face da linguagem complementar à fala.

Para Marcuschi (2010, p.26), a escrita sedimenta-se em toda a produção textual-discursiva para fins comunicativos. Essa tecnologia, então, faz parte do nosso

dia a dia, já que somos solicitados a escrever ou a ler constantemente. Barré-de-Miniac (2006, p.38) defende que “Hoje, a escrita não é mais domínio exclusivo dos escrivães e dos eruditos. [...] A prática da escrita de fato se generalizou: além dos trabalhos escolares ou eruditos, é utilizada para a comunicação, a gestão da vida pessoal e doméstica”. Com efeito, a escrita está presente em nossa vida, pois em diversas situações cotidianas somos expostos a ela para ler ou escrever: placas, letreiros, listas de compras, e-mail, bilhetes, anúncios, livros, artigos científicos, jornais, etc.

A convenção tradicional advoga que a escrita se fundamenta em conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico da língua (KOCH, 2017). Só que dominar esse processo não é tarefa fácil. Assim, na escola, “antes de ensinar a escrever, é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, qual julgam ser a sua utilidade, a partir daí, programar as atividades adequadamente” (CAGLIARI, 1997, p. 101).

No entanto, essa importante sugestão do pesquisador não é seguida pela escola, já que ela enveredou por uma teia de métodos e teorias desconexos com a realidade do aluno. A escola cede a pressões da sociedade e centraliza seu trabalho no ensino de um sistema de escrita ortográfica convencional, deixando de lado contribuições importantes que a oralidade pode proporcionar ao processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Marcuschi (2010), a escrita – tecnologia criada pelo homem - manifesta-se de forma marcante em muitas das práticas sociais dos povos em que penetrou. Caracterizou-se como um bem cultural superior, autônomo que as sociedades desejam. Com isso, a escrita passou a ser fonte de preconceitos.

Defendemos a ideia de que não se deve desvalorizar a oralidade frente à escrita, uma vez que ambas são imprescindíveis ao processo comunicativo. Os mitos que determinam uma dicotomia polarizada são muitos. No entanto, na análise da complexa relação *oralidade/escrita*, é primordial não sucumbir à armadilha que esses mitos proporcionam.

A escrita é bastante enfatizada na atualidade. Será que ela proporciona maior competência cognitiva para quem a domina? Marcuschi (2010) afirma que “a escrita não acrescenta massa cinzenta ao indivíduo que a domina”. Ela simplesmente é via de acesso a um número maior de conhecimentos. Desfaz-se, assim, o mito da

supremacia cognitiva da escrita sobre a oralidade.

Após a sedimentação da grande divisão entre sociedades letradas e não letradas, intensificou-se a visão dicotômica entre oralidade e escrita, pois esta modalidade promove uma linguagem objetiva, enquanto aquela não possui essa característica, segundo Ong (1986). Nesse período, a valorização da escrita foi tão marcante, que até hoje está arraigada nos sistemas educacionais do mundo, inclusive no Brasil. Marcuschi (2010) apresenta-nos outras dicotomias (já superadas):

Fala	versus	Escrita
Contextualizada		Descontextualizada
Dependente		autônoma
Implícita		Explícita
Redundante		Condensada
Não planejada		Planejada
Imprecisa		Precisa
Não normatizada		Normatizada
Fragmentada		Completa

## 4 Fonética e Fonologia

Fonética e Fonologia tratam dos sons das línguas. A Fonética se encarrega do estudo dos sons efetivamente emitidos (fones concretos). Já a Fonologia, preocupa-se com o estudo dos sons intencionais, mais ligados ao estudo do sistema (fonemas). Simões (2010) assegura que a Fonética se ocupa do levantamento de todos os sons que produzimos como falantes. A Fonologia levanta, classifica, e estabelece as diferenças básicas entre os fonemas de uma língua. Nesse sentido, as realizações do /t/ em /tia/ e /tʃia/ interessam à Fonética. As diferenças fonemáticas produzidas por /p/ e /b/ em *pato* e *bato* interessam à Fonologia.

É fundamental, no processo de ensino-aprendizagem, encontrarmos caminhos que conduzam o aluno a entender melhor as estruturas da língua. O estudo de aspectos fonético-fonológicos da língua portuguesa é importante nesse processo. Na complicada tarefa de domínio da escrita, é necessário observar formas de uso da língua. Isso contribui substancialmente para se evitar confusões no processo comunicativo com oralidade ou escrita.

Cagliari (1997, p. 86), numa crítica duríssima, afirma que “O que se ensina de Fonética nas escolas, nos livros didáticos, nas gramáticas é em geral desastroso. Não há nenhum cuidado com as explicações, há erros primários e uma incompreensão quase total da realidade da língua”. Isso acontece porque esses expedientes criticados provavelmente não se empenham em definir claramente as distinções entre Fonética e Fonologia.

Seria fundamental, então, que houvesse uma programação de estudos dessas importantes áreas da linguagem no ensino fundamental e no ensino médio e também uma preocupação mais consistente dos cursos de graduação com uma formação linguística de qualidade do professor de Língua Portuguesa. Tasca (2002) ensina que “Não basta ao professor saber falar e escrever a língua padrão ou conhecer bem a gramática normativa: será necessário, sim, o real funcionamento da língua enquanto meio de comunicação...”

### 4.1 Relevância de algumas questões fonológico-ortográficas

Nosso estudo sobre alguns mecanismos fonológicos da língua portuguesa teve como suporte os trabalhos desenvolvidos por Simões (2006), que tomou por base os estudos mattosianos.

Os fonemas (sons) estruturam a língua e distinguem suas formas. Assim, *cato* é diferente de *gato*. Observe que alteramos apenas um elemento e as palavras mudaram de sentido. Dizemos, então, que /k/ e /g/ são fonemas. Segundo Câmara Jr. (1973. p.40), a língua portuguesa possui 19 fonemas consonantais e 7 fonemas vocálicos.

Nas diferentes regiões do Brasil, há variações de pronúncia que não interferem no ato comunicativo: tia - /t/ chiado = /tʃ/ no Rio de Janeiro e /t/ duro na maioria dos estados do Nordeste. Fica claro que a diferença de pronúncia não cria nova forma linguística (SIMÕES, 2006. p. 21).

O som *sê* - /s/ - pode ser grafado por xc, x, c, ss, s, sc sç: *exceto, expectativa, décimo, passo, máscara, descer, nasço*.

Em formas como *apto/apito*, a tonicidade (sílabas mais fortes) é quem distingue esses elementos: a) *apto* = /ˈa pi tu/ b) *apito* = /a ˈpi tu/.

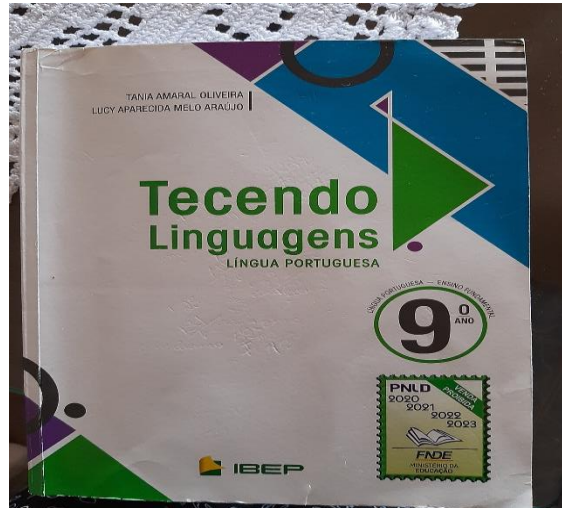
Nas sequências /qu/ e /gu/, o *u* não representa fonema vocálico antes de /e/ ou /i/.

o /h/ etimológico em palavras como *hora, honra*, etc. não corresponde a som algum.

Em muitos dialetos, na fala, há o apagamento do /r/ em palavras como *bar* = /bá/; *amar* = /amá/; *beber* = /bebê/, etc.

Para Simões (2006), muitas inadequações ortográficas que são percebidas durante o complexo processo de aprendizado da escrita ocorrem devido à não observância do uso oral da língua, pois a escrita não representa fielmente a língua falada: *leite* = /leiti/ ou /leitʃi/. Defendemos, então, que o estudo da modalidade oral tem grande relevância no processo de ensino-aprendizagem.

## 5 Análise da unidade do livro didático do 9º ano



O livro didático é considerado um instrumento pedagógico de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem. Quantitativa e qualitativamente, a evidência desse recurso no dia a dia da sala de aula se acentua. No entanto, ele não pode condicionar o trabalho do professor, que deve sempre buscar outras possibilidades de atividades, desviando-se de uma padronização viciosa.

Seria importante, na escolha do livro didático adotado na escola, um consenso dos professores de cada área para que o livro adotado preenchesse as reais necessidades e expectativas dos alunos e que o contexto tivesse relevância nesse processo.

De acordo com Ferro (2013, p. 25), o livro didático, na maioria dos casos, não conduz o professor à reflexão do seu fazer pedagógico; distancia-se da realidade do professor e aluno; incentiva aprendizagens mecânicas e de memorização, fomentando uma atitude passiva do aluno. O livro ideal não deve impor dogmas nem verticalizar métodos no processo de aprendizagem.

O livro de Língua Portuguesa adotado pela Escola Nossa Senhora do Livramento para a turma do nono ano foi “Tecendo linguagens” Tania Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo. Com relação à escrita, esse instrumento pedagógico segue a diretriz do PNL D, através do Guia do Livro Didático:

O livro é o domínio por excelência da escrita. Por isso mesmo, é por meio dele que temos acesso à cultura letrada. E como vocês já sabem, até mesmo por suas histórias pessoais, ler e escrever são competências básicas, tanto para a conquista progressiva nos estudos quanto para o sucesso escolar. (BRASIL, 2006. p. 11)

Cada unidade do referido livro trata de “desvendar” os constituintes dos gêneros textuais mais conhecidos. Nesse sentido, na unidade II “Desvendando o romance”, houve um critério rigoroso nas escolhas dos fragmentos dos textos para estudos, com ênfase em autores brasileiros. Os aspectos gramaticais também foram desenvolvidos com bastante cuidado. Há destaque para elementos semióticos e a intertextualidade. Porém, com relação à oralidade, na seção “Na trilha da oralidade” (atividade que analisamos), o enfoque parece bastante tímido. O texto de estudo (apresentado abaixo) é de Carlos Drummond de Andrade, um dos maiores escritores brasileiros.

A primeira coisa que nos chama à atenção é o fato de que não há nenhum comentário prévio sobre oralidade na atividade proposta. Contudo, a discussão oral para a compreensão do texto é um ponto positivo. É fundamental, nesses contextos, que o professor assuma o compromisso de sistematizar o estudo da oralidade sem uma perspectiva finalística, ou seja, sem restringir o uso da língua.

O professor pode ser enfático ao mostrar que as expressões destacadas no texto (geralmente pertencentes à modalidade oral) enriquecem-no, já que é literário. Porém, é fundamental destacar, também, que em textos como a redação do Enem, por exemplo, não é aconselhável misturar elementos da oralidade com a escrita, uma vez que o Estado, influenciado por viés ideológico, exige a norma padrão da língua. Vale frisar que a escola continua sendo um instrumento ideológico do Estado.

Fica evidente, então, que o professor precisa ser reflexivo em atividades tão restritas como essa, com relação ao tratamento da oralidade no contexto da sala de aula, para rever suas práticas e buscar outros recursos didáticos que complementem os estudos dessa modalidade de uso da língua.

NA TRILHA DA ORALIDADE

Discussão oral

1. Leia o texto a seguir e transcreva todas as palavras e expressões destacadas.

**Antigamente**

Antigamente as moças se chamavam *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, **faziam-lhes pés de alferes, arrastando as asas**, mas **ficavam longos meses debaixo do balaio**. E, se **levavam tábua**, o remédio **era tirar o cavalo da chuva e ir pregar noutra freguesia**. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para **tirar o pai da força**, e não **caíam de cavalo magro**. Algumas **jogavam verde para colher maduro**, e **sabiam com quantos paus se faz uma canoa**. O que não impedia que, **nesses entrementes**, esse ou aquele **embarcasse em canoa furada**. Encontravam alguém que lhes **passasse a manta e azulava, dando às de vila-diogo**. Os mais idosos, depois da janta, **faziam o quilo**, saindo para **tomar fresca**; e também tomavam cautela de não apañhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao **animatógrafo**, e mais tarde ao **cinematógrafo**, **chupando balas de alteia**. Ou sonhavam em **andar de aeroplano**; os quais, **de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas**; não admira que **dessem com os burros n'água**. [...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

- Em dupla com um colega, façam uma pesquisa sobre o que essas palavras e expressões significam. Vocês podem consultar pessoas mais idosas, que certamente saberão o significado de algumas delas, ou pesquisar esses significados em revistas, livros, na internet, entre outras fontes.
2. Após a pesquisa, vocês farão uma discussão coletiva conduzida pelo professor, respondendo oralmente às próximas questões.
- a) Por que o título do texto é "Antigamente"?
  - b) Quais expressões populares, nascidas da tradição oral, você pôde identificar no texto?
  - c) Há alguma palavra ou expressão antiga cujo significado você já conhecia?
  - d) Que palavra você achou mais interessante conhecer? Qual lhe parece mais estranha ou mais engraçada?
  - e) De que maneira a relação entre passado e presente é estabelecida no texto?
  - f) Provavelmente, com que intenção o autor escreveu esse texto?
  - g) De que maneira o texto mostra os diferentes usos dos termos correspondentes à atual palavra "cinema"?
  - h) Após pesquisar os significados das palavras e expressões, ficou mais fácil compreender o texto? Por quê?
3. Com o professor e os colegas, montem um glossário em forma de cartaz para ser afixado na sala. Ilustrem esse glossário com imagens de época.
4. Estabelecidos os significados das palavras pesquisadas e colocadas no glossário, a turma fará a leitura coletiva e em voz alta do texto. No momento da leitura, substituam os termos em negrito por seus respectivos significados.

## 6 Textos para estudos das marcas da oralidade na escrita

Através de uma pesquisa explicativa, buscamos compreender as causas das marcas da oralidade na escrita.

O pesquisador em educação precisa ser reflexivo, original, ético, pois seu trabalho pode transformar realidades. Veiga-Neto (2012, p. 280) enfatiza que nessa árdua missão, o pesquisador precisa trazer do porão as coisas que são importantes e também ser ativista consequente, não sendo obediente a princípios já pensados por outros. Linhas teórico-metodológicas consistentes, então, asseguram a relevância da pesquisa e instigam novos trabalhos.

Transcrevemos fielmente os textos originais escritos (em anexo) para facilitar a leitura e os estudos.

### 6.1 Texto I

Eu estudo fasso atividades sainho com meus amigos para praça vou para casa dos meus colegas fico lá foura falando com meus amigos e primos eu meicho no celula vou ver um filme com meus primos e amigas eu vou para casa da minha vó e meus tios sainho de moto com meus primos eu vou para o mercado com meus tios fazer complas eu vou para solveteira com meus amigos e primos eu vou anda com meu cachoro.

#### Análise do texto I

Nesse texto, o aluno usa apenas um acrítico para encerrar sua composição: o ponto final. Como na fala não usamos sinais de pontuação, esse fenômeno representa, em textos escritos, presença marcante da oralidade. A repetição (eu vou para...) também é característica dessa face da linguagem. O aluno sequencia uma série de ações do seu dia a dia. Isso é outra marca da oralidade, bem como o uso do pronome egótico “eu”. Não identificamos no texto nenhum marcador conversacional, tão característico nos textos espontâneos.

#### Relações fonético-fonológicas

Mudanças fonéticas, em diversos contextos linguísticos, não devem ser consideradas fenômenos extraordinários ou raros. Na língua em uso, isso é frequente e comum. Vejamos alguns exemplos:

*foura*= fora - pelo contexto, é um elemento dêitico (advérbio de lugar). Compare com *fora* – pretérito mais que perfeito do verbo *ser* e *ir*. Na fala, não há exigência para os dêiticos terem referentes imediatamente reconhecidos. Na escrita formal, isso não é permitido (MARCUSCHI, 2010. p. 80). Seguramente, “*foura*” é pronunciado /fɔra/ pelo aluno.

*celula, anda* – apagamento do fonema no final do vocábulo – apócope do /r/.

sainho – esse fenômeno é singular, pois não o encontramos em outros textos analisados. Acreditamos que esse aluno não fale /sãɲu/ para /saiu/.

solveteria – provavelmente, na sua fala cotidiana, troca o /r/ por /l/.

Após essas simples análises, percebe-se que a escola deve preocupar-se não só com a ortografia, mas também com o funcionamento da fala do aluno. Cagliari (1997. p. 66) defende que a escola deve mostrar claramente aos alunos que há vários modos de se falar e que “na fala comum diária entre iguais, pode-se e de fato se diz [mũitʃu]. [doidzu], porém, quando as circunstâncias sociais exigem um outro modo de falar, o aluno saberá dizer [mũitu], [doidu]”.

## 6.2 Texto II

### O futebol

Ola eu vou fala sobre futebol e uma esporte de atetimo e musculasão e forsa da vontade e dertemina, o futebol e onde dois time semfenta cada time e formado 11 jogadores, tem o goleiro e tam bem tem os zagero e os meia e os atacante praquer tem o goleiro serve para ficar no gol para qualdo a bola vem ele acarar mas antes da bola segar no gol ela passa pelo zageiro os zageiro ficar a ferter do goleiro para quer não permita quer a bola chegar no goleiro, e tam bem tem os meias o quer a furansa dos meias, o meia server para distipuir a bola para os laterais e os atacante chegar no otror lado do campo e ai faser o gol. E tam bem tem o teqinikor qual e a fusão do teqinikor o teqinikor e o coperar do time e ele quer pensar a estratézicas do jogos e

com montar o time. E tam bem tem o os juizes para apira o jogos e colocar ortem no jogo e o minuto e de quarenta minutos e os azerimo e o futebol.

### Análise do texto II

O texto começa com o marcador conversacional indicador de saudação “ola” para chamar a atenção do leitor do que será exposto sobre o futebol. Aparentemente, há inconsistências sintáticas e ortográficas na organização textual. No entanto, o contexto nos conduz a uma compreensão completa do que o autor quer transmitir. Então, na insustentável teoria da dicotomia entre fala e escrita, o mito que caracteriza que a fala é contextualizada e a escrita não é, perde sentido. Defendemos, portanto, que o contexto do processo comunicativo pode influenciar as duas modalidades de uso da língua.

Se o professor não for sensível às possibilidades de variação da língua, certamente, ao ler esse texto, julgará que está diante de um exemplo de caos linguístico, proporcionado principalmente pela forte interferência da oralidade. Vale lembrar que a oralidade, assim como a escrita, possui suas normas.

#### Relações fonético-fonológicas

Semfenta = {sĩfrêta} = se enfrenta - na fala, é a entonação que marca a separação de palavras. Nesse fenômeno, temos uma característica marcante da fala: a junta intervocabular, onde a estrutura fônica de palavras se altera. Esse processo é muito importante para entendermos a fala.

No evento “qualdo”, apesar da troca da consoante nasal *n* pela lateral *l*, o aluno certamente fala [kuãdu].

Nos fenômenos “*ferter, cheger, otror, quer, pensar*”, “o aluno acredita que o “r” aparece no final dessas palavras nesse contexto. Porém, na sua fala, certamente ele pronuncia “ /frêti/, /jegí/, /otru/, /kɛ/, /pêsa/.

Pelo contexto, “furansa” e “fusão” são equivalentes. Parece que na escrita de textos espontâneos, os alunos não fazem uma releitura dos textos que escrevem, uma vez que as incongruências marcantes seriam detectadas facilmente.

Nos eventos “*musculasão, forsa, zagero, estratezicas*”, o aluno faz uso da transcrição fonética de sua fala.

Em “*teqinico*”, apesar da troca da consoante *q* por *g*, também há uma transcrição fonética da fala: /tekiniku/.

### 6.3 Texto III

O menino andava na praça que avia perto de sua casa mas so quer em um certo dia seus amigos foram chamar ele para brincar mas só que estava em epoca de pandemia e o mundo esta um verdadeiro cals mais so que o menino e seus amigos não ligaram pra isso e foram brincar na praça chegando lá eles sedevertíro e voltaram pra casa mas so que passar de alguns dias o menino começou a sentir algumas coisas mais so que ele não ligou pra isso e de pois de uns certos momento sua mãe percebeu que ele tava muito gripado e foi olha como ele estava e descobriu que ele estava com o coronavírus. Então e muito importante se cuida o máximo porssivel.

#### Análise do texto III

O texto apresenta uma característica peculiar da oralidade: a redundância informacional. Há também uma fragmentação sintática e quase ausência da pontuação (apenas o ponto final), marcas fortes da oralidade na escrita. É interessante destacar que essas fragilidades não comprometem a compreensão do texto e a entonação é fundamental nesse processo. A repetição de elemento como “*mais so*” é também caraterística relevante da fala.

#### Aspectos fonético-fonológicos

Cals = {kaus} – Nesse evento, não há distração ao trocar o *o* por *l*. O aluno transporta para a escrita sua percepção de fala (transcrição fonética), uma vez que a consoante “*l*” lateral possui som de *u* na maioria dos dialetos brasileiros. Exemplos:

cal – {kauu}

canall - {kãnau}

Sedevertíro = se divertiram - Nesse fenômeno, há juntura intervocabular, com o “*se*” aglutinando-se a “*devertíro*”. Como na fala não existe separação de palavras, o aluno pronuncia [sidivertiru].

Em “porssivel”, o aluno também se vale da transcrição fonética de sua fala cotidiana.

## 6.4 Texto IV

Eu faço muitas coisas tipo ajudo minha mãe em casa vou pra casa da minha tia ajuda ela com os filhos dela depois vou ajuda minha mãe fazer o almoço e depois quando nois termina de almoçar vou lava os pratos vou dormi um pouco ai quando e 3:40 eu mim levanto e vou fazer caminhada com minha prima. Ai venho pra casa tomo banho e vou descansar um pouco...

### Análise do texto IV

O evento “tipo”, sem função sintática específica, é exemplo de característica da oralidade. Pelo contexto, ele serve para enumerar uma série de ações presente na narrativa. Outra característica é o marcador conversacional “ai”= /a ‘i/.

“*quando nois termina de almoçar...*” Não há uma só maneira de se falar uma língua. Muitas vezes, são atribuídos valores de certo ou errado a processos puramente comunicativos. No evento destacado, o aluno fala e transcreve esse ato para a escrita, de acordo com o dialeto do seu meio social. A sociedade e até mesmo a escola rotulam esse modo diferente de falar/escrever. Não há justificativa convincente para intransigência diante do diferente. É papel da escola, então, ensinar aos alunos que existem muitas formas de se expressar, levando-se em consideração contextos, situações e participantes da interação.

Nos PCN (p. 16), encontramos o seguinte: “A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização adequada da linguagem”. Sendo assim, como o professor deve lidar com o aluno que fala/escreve “Quando nois termina de almoçar”? O documento não elucida em nenhum momento essa questão. Cabe ao professor, então, valorizar o capital linguístico-histórico dos alunos e conduzi-los a mudar sua concepção sobre a escrita, utilizando seus textos escritos espontaneamente.

### Aspectos fonético-fonológicos

Em “*ajuda, lava e dormi*”, há o apagamento do /r/ (apócope). Esses eventos já são comuns na fala cotidiana na maioria dos dialetos da língua portuguesa.

Há também formas do dialeto padrão da língua: *fazer*, *almoçar*, *descansar*. Certamente ele fala /fa`ze/. /aumu`sa/, /diskã`sa/.

No fenômeno “*quano*”, há a transcrição fonética de sua fala. Provavelmente, em vocábulos terminados em *ndo*, esse aluno fale /nu/. *Quando* = /kuanu/; *ensinando* = /ẽsinãnu/, etc.

Essas análises dão sustentação à ideia defendida por Cagliari (1997) no intento de que textos espontâneos escritos por alunos são produtivos, dinâmicos e repletos de nuances lógico-discursivas, úteis em diversas atividades linguísticas. O professor, com sua visão técnica, numa prática insistente e sem causar constrangimento, precisa apreciar esses escritos, agrupar prováveis inadequações e orientar seus alunos.

## 7 Considerações finais

Com base nos textos escritos pelos alunos, percebemos uma certa homogeneidade das características da oralidade na escrita, como repetição, ausência de pontuação, fragmentação sintática, apagamento do /r/ em final de palavras, entre outras. Nesse sentido, como o Estado e sociedade cobram a norma padrão da língua, o aluno precisa ser ensinado a transitar entre práticas faladas e escritas com desenvoltura, sabendo que, embora essas práticas sejam complementares, têm características próprias.

Seguindo essa lógica, o professor precisa trabalhar os mais variados gêneros textuais com seus alunos, tanto na oralidade quanto na escrita, para que eles fixem as particularidades de cada prática interativa, formando-os linguisticamente competentes, conscientes de que, quando acionados para escreverem, saibam se posicionar adequadamente nos textos, sejam eles falados ou escritos. Vale destacar que há um certo pavor quando os alunos são solicitados a apresentar algum trabalho oral (até mesmo na graduação). Isso ocorre por falta de treinamento com essa prática interativa.

Para Milanez (1993), o ensino deve considerar as especificidades da fala, relacionando-a com a escrita e estimulando o aluno a produções textuais que cumpram as características de cada uma. Essa metodologia é bastante produtiva para se obter a fluência linguística, ou seja, falar/escrever adequadamente nas diferentes situações interativas. A escola, então, precisa considerar a oralidade como um recurso linguístico relevante para o ensino da escrita padrão da língua, já que essa modalidade está intrinsecamente ligada a esse processo.

Somos seres sociais. Nesse sentido, falamos muito do decorrer da vida. Isso mostra que a fala serve-nos como atividade central nas relações sociais. Um fato relevante como esse, já justificaria um estudo mais denso dessa modalidade na escola. Então, como advoga Milanez (1993), o professor deve conscientizar o aluno sobre o que lhe é intuitivo no que diz respeito à língua oral, levando-o a distinguir o que é formal e informal, consciente de que a língua é viva e repleta de variantes.

Defendemos a ideia de que a escola trabalhe a diversidade textual (oral e escrita) de acordo com o contexto social do aluno, com foco na versatilidade/expansão linguístico-cultural dele, pois, como ensina Silva (apud SIMÕES, 2004), esse expediente didático-pedagógico “daria ao estudante condições de aprimoramento da capacidade de expressão verbal em sua ampla variação idiomática, com ênfase no estilo padrão (a língua dos documentos) ”.

Como a Fonética descreve os sons da fala e a Fonologia seu valor linguístico no sistema da língua (CAGLIARI, 1997), fica evidente que a escola precisa dar uma atenção especial a essas ciências, uma vez que elas contribuem, satisfatoriamente, para aperfeiçoar a competência linguística do aluno. Os cursos de formação precisam treinar o futuro professor de Língua Portuguesa para relacionar e trabalhar os aspectos fonético-fonológico-ortográficos, levando-se em consideração o contexto real da sala de aula.

Nas análises textuais, quanto a esses referidos aspectos, detectamos que os alunos, quando não estão familiarizados com a escrita de alguns vocábulos, recorrem à transcrição fonética de sua fala para exprimir seus pensamentos. Isso só é possível porque o sistema da língua permite.

É sempre importante o professor salientar que a escrita não representa fielmente a fala e que muitos equívocos ortográficos ocorrem porque falta a observação da realidade oral da língua no processo da aprendizagem da escrita.

É inegável a contribuição do livro didático para o processo de ensino – aprendizagem. Porém, é fundamental que ele contemple a oralidade de forma mais enfática, uma vez que essa prática da linguagem em uso, junto à escrita, desempenha importante papel na proficiência da norma padrão. A unidade do livro que estudamos deixou algumas lacunas sobre essa questão.

Como parece que uma sensação de fracasso permeia o processo de ensino-aprendizagem, seria fundamental que existissem mais professores reflexivos, dispostos a facilitar o ensino das diversas formas comunicativas, em especial oralidade e escrita, em contraponto a professores tradicionalistas, que se prendem à normatividade da língua.

Vale frisar que a língua como é um fato social, está sujeita a intervenções históricas e a mudanças diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas.

A escola, então, precisa focar num ensino pragmático, buscando compreender as transformações linguísticas e despertar desejo, motivação interna em seus alunos para que alcancem uma melhor qualidade de seu desempenho linguístico, cujo objetivo é que eles obtenham “subsídios suficientes para uma leitura plural de mundo” (SILVA, 2004) e uma participação ativa e significativa na sociedade.

## 8 Referências

ARAÚJO, Maria Yvonne Atalécio de. Experiências de linguagem oral na Escola Primária. Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito, 1965

BARRÉ-DE-MINIAC, Christine. Saber ler e escrever numa dada sociedade. In: Corrêa, Manoel; BOCH, Françoise (orgs.). Ensino de língua: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Lingüística. São Paulo, Scipione, 1997.

CÂMARA, Jr., J. Mattoso (1973). Estrutura da língua portuguesa. 4ª ed., Petrópolis: Vozes.

FERRO, Jefeson. Produção e avaliação de materiais didáticos em língua materna e estrangeira. Curitiba: ibpex, 2008.

Koch, Ingedore Villaça. Ler e escrever: estratégias de produção textual/ Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. 2.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

Milanez W. Pedagogia do oral. Condições e perspectivas para sua aplicação no português. São Paulo: Sama; 1993.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: LÍNGUA PORTUGUESA. Brasília, Secretaria de educação Fundamental / MEC, 1998.

Ong W. J.. Writing is a technology that restructures thought. In: BAUMANN, G. *The Written word: literacy in transition*. Oxford: Clarendon Press, 1986. p.23-54

SILVA, Thaís Cristófaró. Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.




SIMÕES, Darcília. Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola Editorial. 2006.

TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.



VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. Revista Brasileira de Educação, v. 17 n. 50, p. 267-282, maio/ago. 2012.

## 9 Anexo I:

"Português" 9º ANO "C"

Eu estudo faço atividades saindo com meus  
 amigos para praça vai para casa das meus  
 colegas fico lá fazendo falando com meus amigos  
 e primas eu melho no celular vai f. ver um  
 filme com meus primas e amigos eu vai para  
 casa da minha vó e meu tias eu saindo de  
 moto com meus primas eu vai para o mercado  
 com meus tias fazer compras eu vai para salve-  
 liza com meus amigos e primas eu vai andar  
 com meu cachorro.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB  
 DOM LUN MAR MIE JUE VIE SÁB

08 04 21

9A

## O Futebol

Ola eu vou falar sobre Futebol e uma esporte de atletismo e musculação e força da vontade e determinação, o futebol e onde cada time representa cada time e formado 11 jogadores, tem o goleiro e tam bem tem os zagueiro e os meia e os atacante pra quem tem o goleiro existe para ficar no gol para quando a bola vem ele acuar mas antes da bola chegar no gol da para pelo zagueiro os zagueiro ficam a frente do goleiro para que não permita que a bola chegar no goleiro, e tam bem tem os meia o que a função das meia, o meia existe para desimpedir a bola para os laterais e os atacante chegar no outro lado do campo e ai fazer o gol. E tam bem tem o tecnico qual e a função do tecnico o tecnico e o capitan do time e ele quer pensar a estratégia do jogar e com manter o time. E tam bem tem o juiz para apara o jogar e colocar ordem no jogo e o minuto e de quarenta minutos e os ozeiros e a o o futebol.

9º Ano "A"

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
DOM	LUN	MAR	MIÉ	LEI	VIÉ	SÁB
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

08 09 2021

O menino andava na praça que fica perto de sua casa mas se  
 quis em um certo dia seus amigos foram chamar ele para  
 brincar mas só quer estava em época de pandemia e o mundo  
 lá um verdadeiro caos mais se que o menino e seus amigos  
 não ligaram pra isso e foram brincar na ~~praça~~ praça

chegando lá eles se divertiram e voltaram pra casa mas se  
 mas se que passar de alguns dias o menino começou a sentir  
 algumas coisas mais se que ele não ligou pra isso e de pois  
 de uns dias quando sua mãe percebeu que ele estava ~~doente~~  
 muito gripado e foi olha como ele estava e descobriu que  
 ele estava com o coronavírus. Então é muito importante  
 se cuidar e manter a distância.



08/04/21

PORTUGUÊS

9<sup>º</sup> ANO  
GRUPO "A"

X

EU FAÇO MUITAS COISAS TIPO AJUDO MINHA MÃE EM CASA  
VOU PRA CASA DA MINHA TIA AJUDA ELA COM OS FILHOS DELA  
DEPOIS VOU AJUDA MINHA MÃE FAZER O ALMOÇO E DEPOIS -  
QUANDO VOIS TERMINA DE ALMOÇAR VOU LAVA OS PRATOS -  
VOU DORMIR UM POUQUO AI QUANDO É 3:40 EU MIM LEVANTO  
E VOU FAZER CAMINHADA COM MINHA PRIMA AI VENHO PRA  
CASA TOMO BANHO E VOU DESCANSAR UM POUQUO...

Terto Sabri se <sup>Bona</sup>

28.04.21

9°C

É muito bom estudar Eu não quero para  
de estudar por que eu quero ser Bombeiro e  
~~de Bombeiro~~ se Bombeiro É se uma Pessoa Bom  
Bom que sabe as Pessoas que entra no fog  
que sabe prédios e por isso eu quero se  
Bombeiro se eu não estudar É não vou  
vou se Bombeiro Eu tenho que estudar É muito  
Bom A Pessoa que sabe ler sabe escrever sabe  
de muitas coisa e escreve bem se a  
Pessoa não escreve bem eu não sabe esse  
escreve bem eu falar os nomes das Pessoas não  
vai aluga algum e isso



X 9<sup>o</sup>c

Escola é um lugar de aprendizagem, que ensina  
 várias matérias como por exemplo Português que ensina poemas, linguagens,  
 gêneros gramaticais e etc. E também ensina ciências que aprende sobre  
 o corpo humano e etc ensina também geografia, história, matemática,  
~~arte~~ artes e ~~etc~~ etc.



X

9: 'A'



O garoto vive só lá fora pela no seu bairro, e foi chamado pra disputar uma competição em outro estado junto com dois amigos distante da sua família. Logo quando o garoto chegou no departamento viu que era muito diferente de sua casa, e nos dois primeiros dias ele tomou muita saudade da sua família e disse que não queria ficar naquele lugar e que ia pra casa no dia seguinte, logo depois o garoto ligou pra sua família comunicando que ia voltar, um dos seus dois amigos viu aquela situação e falou "para o garoto" você não pode voltar só porque tá com saudade da família "nesse estado aqui pra vencer por eles" o garoto levantou a cabeça disse que não ia voltar, e foi fazer a competição foi derrotado recebeu uma proposta de ir jogar em um time na Europa e hoje é jogador.



08 \* 04 \* 21

9: C

Mulher hoje em dia são maltratado são morto,  
Mulher não são mais respeitado mulher tem insegurança  
de sair na rua, elas tem medo do que pode fazer com  
elas

Mulheres não pode usar a roupa que ela gosta porque  
tem homens com atitudes que não são muito boa, mulher  
são proibido de usar roupas curtas por causa do marido  
do namorado

Mulher tem namora abusiva quantos e quantos mulher  
fo morreram por que não quis mais aquele relacionamento,  
nós mulher precisamos de respeito Até quando e onde  
isso vai para.



ASTRAI

9 ano "C" português X

As vezes, não dá pra entender por que o mundo que a gente vive existe tanto preconceito tanto racismo tanto machismo e cada vez mais tudo isso vai aumentando as pessoas sai de casa pra trabalhar nesse bon palavras racistas machista preconceituosa e os vezes além de discutir essas palavras não agradece umas sub-revisem outros não sub-revisem o mundo que a gente vive tudo pros pessoas racista machista preconceituosa se resolve ou com palavras preconceituosa machista preconceituosa se que ninguém é igual as pessoas tem que entender ninguém é igual quem receber respeito respeite os outros pessoas também.

08/04/2021

P  
Português.

X

9ª

meu dia a dia.

Bom, quando não tem aula eu vou dormir bem tarde e acordar tarde umas 10 ou 11 hrs, não tomo café não sou acostumada, então, de acordo e já vou almoçar depois escovo os dentes, depois escovo a casa euido do meu irmão de 4 anos, depois tomo um banho e vou meter no celular, vai dá vontade de comer aí eu vou lanchan, e quando é 6 hrs minha mãe chega do trabalho às vezes eu fico o café, e às vezes não, depois tomo café da noite, e vou meter no celular de novo, depois escovo a lozinha e mas tarde vou dormir, depois continua a mesma rotina, é isso!

ibra

08.04.21

Turmas: 9-C

## Moto

Moto é um veículo muito perigoso, Motoboy são os que mais sofrem acidentes pô causa da moto, equitamento para usa a moto só o capacitado de regular, então temo mais cuidos quando subir em uma moto.

tem seus lados bons, é um veículo mais praticos baratos, ergonomicos, da para fazer seu corre do dia dia, Para quem gosta não tem coisa melhor, voce se diverte, brinca, conhece pessoas novas, tem esporte como moto, Motocross, trilhas... tem o GRAU quem praticos o Grau são jogados como Malabares... quem gosta não tem prefo, 294

08/04/21

Turma: 9<sup>ma</sup> C

O que eu fiz esse tempo toda estuda, quando meu pai na escola, quando minha mãe em casa com esse tempo toda com essa pandemia ninguém sair de casa, quando sair usar máscara e avião em gel, se queria qui porra de issa tudo.

tilibra

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
DOM	LUN	MAR	ME	JUE	VIE	SÁB
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

08

04

21

9 ano "A"

as volta às aulas esta sendo muito difícil por causa do corona virus entre tanto os professores estão tomando as precauções certas e tá dando tudo certo.

mais logo logo vai passa essa doença e vai volta as aulas como era antes.

tudo mundo alegre conversando muito, keliz e etc.

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
DOM	LUN	MAR	MIÉ	JUE	VIE	SÁB
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

--	--	--

9 am 2"

O canal correto e canal certo muito bem para  
 o dono do canal quando se amunta no canal e claro, vem  
 muito mais? de amunta no canal por que ele seria m-  
 nito. Quando o dono do canal amuntava no canal e can-  
 al não queria para de canal então o dono do canal.  
 Trava o canal por entre canal mais lento e o dono  
 do canal ficou muito do asfalto com a truca do canal  
 e o dono do canal gostou muito do canal lento e o dono do  
 canal andava pra cima e pra baixo com o canal lento.



08/04/2021

9º

Meu dia a dia

Hoje vou falar sobre meu dia a dia, não passa quase nada quando 6:30 pra ir a escola depois quando chega em casa tomo um banho depois como um pouco estudo também durmo muito quando vou come vou pra ponta lenta um pouco porque é muito calor dentro de casa peço o celular pra entrar no instagam e etc assimate também um Filme

tilibra